



O LIVRO ‘TORTO ARADO’ E SEU DIÁLOGO CRÍTICO-SOCIAL COM O ENSINO DA GEOGRAFIA: A LITERATURA NÃO ACADÊMICA E AS METODOLOGIAS ATIVAS DENTRO DAS SALAS DE AULAS

Maria Lohaana Melo do Nascimento¹
Sara Samyla da Silva Lucas²
George Bezerra Pinheiro³

RESUMO

No livro “Torto Arado” (2019), o autor e geógrafo Itamar Vieira Junior, traz em detalhes a vida de trabalhadoras/es rurais do século XX que viviam “de morada” na fazenda fictícia “Água Negra”, na região da Chapada Diamantina, estado da Bahia, no Nordeste brasileiro. O livro aborda a forma como pessoas negras, descendentes de escravizados africanos continuaram à margem da sociedade mesmo após a Lei Áurea; as relações de disputa por terra, que expressa a soberania dos grandes latifundiários, e o valor desta, na visão de trabalhadoras/es rurais, a partir da dinâmica histórica, social e educacional, sempre invisibilizadas. O presente trabalho busca, a partir da construção do Currículo Crítico, dissociar o ensino tradicionalista da Geografia, para tornar possível através da utilização de ferramentas não tradicionais – metodologias ativas –, a aproximação da/o estudante do Novo Ensino Médio – NEM -, trabalhando a partir da abordagem do livro “Torto Arado”, para entender a sua realidade e desenvolver o pensamento crítico-social. Tal trabalho tem como objetivo apresentar e discutir o Ensino da Geografia na Educação Básica, na construção do Currículo Crítico, trazendo à visão de graduandas em Licenciatura em Geografia para o debate acerca do uso das metodologias ativas e da literatura não acadêmica para o melhor aproveitamento dos conteúdos, e rendimento escolar, e, das/os estudantes. A metodologia consiste em bibliografia básica, de artigos e livros, para compreender as diversas perspectivas de autores renomados na área em discussão. É possível entender que o tema em si trata da realidade da construção do povo brasileiro, enquanto país miscigenado e que, ao longo dos séculos a consolidação de uma sociedade racista, desigual, e classista, permitiu que a Educação em suma, fosse assim também contribuinte para o fortalecimento do racismo estrutural.

Palavras-chave: Literatura; Metodologias Ativas; Pensamento Crítico; Novo Ensino Médio; Ensino de Geografia.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo discutir a respeito da importância da utilização da literatura enquanto instrumento que facilita o processo de ensino e aprendizagem, ajudando a fomentar o senso crítico e político dos/as estudantes acerca da realidade brasileira, especialmente sobre a temática da questão agrária.

Sabe-se que a questão agrária, que pese a modernização do campo brasileira, segue atual. O surgimento dela, enquanto um problema e realidade factível, é inaugurada com o processo violento de colonização, racialização/escravização dos povos originários e

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Campus Crateús - IFCE, lohaana30@gmail.com

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Campus Crateús - IFCE, samylasara@yahoo.com

³ Orientador. Professor Mestre, Licenciado em Geografia pela UFC, Campus Fortaleza, Mestre em Políticas Públicas em Saúde pela FioCruz, Escola de Governo Brasília, george.pinheiro@ifce.edu.br



africanos, expropriação e apropriação de terras consagradas pela lei de terras de 1850.

A questão agrária é, por assim dizer, a parteira da desigualdade social em nosso país. Explicar as características da nossa formação econômica, social e territorial sem pontuá-la é um ato, do ponto de vista de uma ética intelectual, que beira o campo do impossível. Feito apenas por uma série de ideólogos que naturalizam e eternizam a propriedade privada da terra, colocando-a como fruto da conquista através do trabalho.

Portanto, pensando o caráter estratégico e complexo do referido tema para o currículo e a formação de professores/as de geografia, especialmente em realidades agrárias, é importante pensar possibilidades didáticas que tornem os conteúdos, conceitos e categorias da questão agrária mais acessíveis e íntimas dos/as educandos/as.

Neste sentido, o artigo traz a análise de uma experiência vivida por estudantes - a maioria com raízes no campo - do curso de licenciatura em geografia do IFCE campus Crateús, cidade que compõe o mosaico de sertões que fazem parte do Ceará e que dista cerca de 370 km da capital Fortaleza.

Tal experiência consistiu na realização de um clube de leitura do livro *Torta Arado* (VIEIRA JUNIOR, 2019) ao longo da disciplina de Geografia Agrária, ofertada no terceiro semestre do curso. Para além da bibliografia científica do campo da geografia agrária, sociologia e economia rural, onde se discute conceitos e temas fundamentais para a questão agrária como, por exemplo, renda da terra, relações de trabalho no campo, soberania alimentar, formação e evolução da estrutura fundiária, conflitos no/do campo, movimentos sociais, reforma agrária e desenvolvimento territorial rural ou agrário, o docente responsável pelo componente curricular propôs a leitura de *Torta Arado* para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem da disciplina.

Às aulas clássicas de caráter mais expositivo, ainda que dialógicas, intercalou-se, no espaço físico da sala, configurando-se também enquanto aula, a leitura, em forma de roda de conversa, concomitante ao debate e comentários do livro de Itamar Vieira Junior, metodologia que o professor denominou como clube de leitura do livro *Torta Arado*.

Do ponto de vista metodológico, para averiguar os resultados dessa intervenção - pensando que seu objetivo inicial era, a partir do lúdico possibilitado pelo contato com a literatura, contextualizar os conteúdos e contribuir para o ensino aprendizagem, dando maior significância a esse processo - analisamos o conteúdo de uma amostra de trabalhos finais da disciplina desenvolvidos pelo corpo discente. Além disso, apoiado na posição de observadores/as participantes, no momento coletivo de avaliação do componente curricular,



quando docente e estudantes avaliaram os aspectos metodológicos, a aprendizagem e processo avaliativo da disciplina.

Por fim, o artigo está dividido nessa introdução. Logo em seguida, na seção de metodologia, descrevemos os caminhos e ferramentas metodológicas que utilizamos na produção do trabalho. Posteriormente, na seção de referencial teórico, dialogamos com três áreas: literatura, ensino de geografia e questão agrária. No campo dos resultados e discussões, percebe-se que o uso do livro “Torto Arado” trouxe uma riqueza pedagógica para o ensino e aprendizagem em Geografia Agrária. Então, nas considerações finais, trazemos algumas questões e reflexões sobre a possibilidade e importância de experiências como essa serem pensadas para o ensino de geografia no ensino médio.

METODOLOGIA

A metodologia do presente artigo deu-se por realização de leitura de bibliografia básica de artigos onde se discute conceitos e temas fundamentais para a questão agrária como: renda da terra, relações de trabalho no campo, soberania alimentar, formação e evolução da estrutura fundiária, conflitos no/do campo, movimentos sociais, reforma agrária e desenvolvimento territorial rural ou agrário, além do Livro “Torto Arado”, de Itamar Vieira Junior (2019) junto aos colegas de turma em um grupo de leitura criado durante o componente curricular de Geografia Agrária a fim de compreender as diversas perspectivas área em discussão, bem como por meio de análises de escritos de alunos do curso - artigos não publicados, produzidos durante a disciplina citada, tendo como vislumbre a experiência e o debate em sala de aula sobre as possibilidades do livro na educação, do qual se originou este artigo em questão. Dentre os artigos produzidos, traz-se dois para fomentar os objetivos deste em questão.

REFERENCIAL TEÓRICO

Torto Arado e suas influências no meio educacional, social, econômico e histórico

Livros podem contribuir com a formação do indivíduo, variando em temas e abordagens, como fundamentos sociais, culturais, e históricos. Escrito pelo geógrafo baiano, nascido em Salvador em 1979, Itamar Vieira Junior escreveu “Torto Arado” com base nas próprias vivências com povos de assentamentos e do meio rural do Brasil durante seu trabalho no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incrá). O Livro é narrado em primeira pessoa pelas personagens Bibiana e Belonisia além de uma terceira



personagem, que traz o ponto de vista de uma Encantada, Santa Rita Pescadeira

A obra enfatiza diversos campos trabalhados na geografia e necessários para a educação, dentre eles podemos citar: as questões rurais, da agricultura e suas histórias no Brasil e como isso moldou o cenário brasileiro nas relações de trabalho, movimentos sociais do campo e economia agropecuária. Traz também a força de luta feminina, a presença da mulher no seio familiar e seu papel dentro de uma comunidade, como pode-se citar a personagem Dona Salustiana, que além de mãe e trabalhadora de roça, era parteira de grande influência junto às personagens principais, Belonisia e Bibiana, fortes representações femininas. Itamar Vieira Junior destaca em entrevista, que a mulher nordestina, do interior, tem liderança e protagonismo, junto a isso, o seu livro também traz a questão da violência contra a mulher com passagens descritivas das personagens Belonisia e Maria Cabocla, na qual explora a infeliza realidade de muitas mulheres, como cita ALEGRE *apud* NORO (2022) “[...] pela solidez da construção, o equilíbrio da narrativa e a forma como aborda o universo rural do Brasil, colocando ênfase nas figuras femininas, na sua liberdade e na violência exercida sobre o corpo num contexto dominado pela sociedade patriarcal”.

Além disso, Torto Arado, aborda a religião Jarê, junção de religiões de matriz africana com o catolicismo rural e o xamanismo, presente na região da Chapada Diamantina, na porção norte da Bahia, local no qual se situa a história. Essa, está ligada diretamente com as personagens, além da forte cultura presente dentro da obra, tendo como principal disseminador Zeca Chapéu Grande, que guia as pessoas como um líder, sendo rezador e recebedor dos “Encantados” em seu corpo. A religião é vista como um elo, um vínculo entre as famílias que vivem na fazenda Água Negra e seus antepassados, sendo um âmago para a rotina difícil a que estão submetidos, bem como integrante do conjunto de ideologias pertencentes a visão de mundo destes moradores, estando enraizada nestes.

No mais, “Torto Arado” traz a permanência e dinâmica social em relação à terra, sendo seu foco principal a questão agrária e os diversos conflitos que a envolvem, pois diversas famílias residem em Água Negra, onde trabalham o solo e retiram o alimento, as riquezas naturais e seu sustento econômico. Porém, estes só podem usufruir parcialmente desse material, estando em regime de trabalho de completa servidão, trabalhando de forma análoga à escravidão, sem direito a salário, saúde e educação básica. Em contrapartida, têm-se também a presença de latifundiários, que mantêm esse sistema explorador e que lucram com o trabalho não pago dos trabalhadores rurais como ainda hoje ocorre em



diversas fazendas do interior do Nordeste.

Tudo isso, conecta-se a fatos sociais, econômicos, históricos, culturais e religiosos. No fato econômico, trabalhar a agropecuária e o sistema de renda das pessoas e como se construiu a agricultura no Brasil, principalmente de pequenos proprietários ou de pessoas que sequer têm terras. O fator histórico soma-se com o econômico e social, por meio da construção de todo o cenário descrito, o qual traz as consequências da escravidão no Brasil para os povos negros, fator importante na história do país além de fundamental para entender os diversos temas trabalhados, tais como o porquê da maioria dos povos que viviam de morada serem pretos e descendentes de africanos trazidos forçosamente para o continente americano, principalmente para o Brasil, entender a noção de superioridade dos donos da fazenda, enquanto homens brancos. O livro traz esses pontos importantes e cita em seus parágrafos a história brasileira que facilitam a compreensão de todas a obra, as pessoas/personagens do romance, como cita PEREIRA e FARIA (2021, p. 249) vivem da herança cultural deixada pela escravidão, como a miséria e o abandono social, e lá trabalham em troca de um pedaço de terra para viver e tirar seu sustento.

Ademais, há uma outra relação que pode ser feita por meio do estudo do livro, pois nele é ressaltada a questão educacional. O assunto é discutido pela primeira vez quando surge o debate da construção de uma escola para as crianças filhas dos trabalhadores de Água Negra e ao longo da narrativa, uma vez que os personagens principais fomentaram a necessidade de aprender a ler, escrever e o matemática básica, além de haver a clara percepção de educação como justiça social, pois o pai das personagens toma para a si a responsabilidade de lutar pela construção de uma escola. O livro também aborda um paralelo entre educação formal e a informal, que aborda o saber do povo aliado com suas crenças. O personagem Zeca Chapéu Grande é o exemplo dado, um homem que embora não possuísse formação acadêmica, tem grande conhecimento sobre plantas e religião.

Trazendo essa experiência para a realidade educacional brasileira, o livro pode ser de grande influência dentro desse campo, uma vez que ao descrever a agricultura brasileira, aborda a necessidade de uma educação que englobe a realidade do aluno, que explique-o como as relações se dão dentro do lugar em que vive e como essa é/foi construída de fato. Isso se exemplifica na passagem em que Belonisia não vê sentido no que a professora de fora daquela realidade explica, pois os conteúdos não se conectam com as suas experiências e suas habilidades, havendo então disparidade, pois não há real conexão entre o que há de mais significativo para ela: o trabalhar com a terra e aprender com o pai e os conteúdos vistos em



sala. Porém, com a evolução da narrativa, percebe-se que Belonísia adquire certa admiração pela irmã e pelo cunhado que falam sobre a luta dos povos, sobre os quilombos, escravidão, sobre lutar pela terra e seus direitos sem deixar de falar de educação, então tudo aquilo passa a fazer sentido para ela e lhe dá uma outra visão de educação.

Sendo assim, compreende-se que “Torto Arado” é um romance sobre pessoas que de fato existem, sobre estudantes de diversas escolas do país, principalmente das áreas rurais, que precisam perceber que sua realidade também é importante. Logo, esses estudos podem ser cativantes e inspiradores, representando uma linha para compreender o meio em que vivem, possibilitando que estes possam enxergar valor naquilo que estão sendo ensinados, diferente do que foi repassado inicialmente para Belonísia.

Torto Arado na discussão sobre relação com a terra e escassez de direitos para moradores de fazendas: O agrário em disputa

O livro de Itamar Vieira Junior traz de forma didática e exemplificada conceitos que são fundamentais para o entendimento de aspectos relevantes da formação do nosso país, dos quais pode ser citada a presença da luta pela terra e direitos trabalhistas. Logo, é preciso discutir como essas questões foram abordadas na obra.

Sabe-se, que a humanidade de modo geral se desenvolveu de maneira conjunta a agricultura e que, sobretudo no Brasil, essa ainda exerce uma grande influência e é base do sustento de milhares de brasileiros, pequenos proprietários, que por muitas vezes possuem sua sobrevivência garantida pelo que produzem nos quintais das suas casas, como é trazido no livro:

Disputamos a palma com o gado da fazenda. Havia uma parcela de terra destinada ao seu plantio. O cacto que se destinava à nossa alimentação estava em nossos quintais. Quem não foi previdente em ter sua própria plantação de palma, que acabaria com o passar dos meses, tinha que contar com a solidariedade de um vizinho, para garantir o cortado na mesa, guisado no azeite de dendê. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 49-50)

Assim, é evidente que a história brasileira é marcada pela escassez de direitos, principalmente na agricultura e que todo esse processo de injustiça é herança de um passado colonial que, infelizmente, ainda mostra grande influência no nosso país. Aliado a esse fato tem-se, que a luta por direitos das minorias nunca tem fim e que todos os direitos que já foram conseguidos até hoje, vieram através de uma longa jornada de sindicâncias e batalhas. FIGURELLI (2013, p.2) estudou sobre as lutas sindicais rurais dos moradores do



estado de Rio Grande do Norte de 1961 e relata que um dos “castigos” aplicados aqueles que faziam partes desses movimentos era a raspagem de seus cabelos, “marcando” assim de forma pejorativa aqueles que reivindicavam melhores condições de vida:

Aquilo havia chamado minha atenção, não tinha compreendido ainda os significados que o fato de aparecer publicamente com a cabeça descoberta trazia. Quem tivesse sua cabeça raspada seria visto pelos vizinhos e parentes mais como um ladrão do que como um lutador, como poderia ser observado desde outras posições sociais. Cairia em completo desprestígio. Com isto, o mundo moral dos moradores entrava em jogo. (FIGURELLI, 2013, p. 2)

O ato de enxergar quem participa desses movimentos pelos direitos mais básicos como “ladrões” é resultado de uma sociedade alienada, a qual não vê a contradição existente no sistema capitalista e nem se percebe como força motriz e geradora de todas as riquezas acumuladas pelos latifundiários. Logo, o ato da raspagem dos cabelos é nada mais que uma forma de legitimar esses preconceitos e continuar deixando a margem essas pessoas.

A relação abordada em Torto Arado é a de produção e gratidão, pois é retratada a partir do ponto de vista de quem trabalha nela todos os dias, de quem sabe que só terá alimento se continuar cultivando-a. Esse pensamento é expresso pelo personagem Zeca Chapéu Grande quando seu filho Zezé o questiona sobre viver de morada:

O documento da terra não vai lhe dar mais milho, nem feijão. Não vai botar comida na nossa mesa. [...] Está vendo este mundão de terra aí? O olho cresce. O homem quer mais. Mas suas mãos não dão conta de trabalhar ela toda, dão? Você sozinho consegue trabalhar essa tarefa que a gente trabalha. Esta terra que cresce mato, que cresce a caatinga, o buriti, o dendê, não é nada sem trabalho. Não vale nada. Pode valer até para essa gente que não trabalha. Que não abre uma cova, que não sabe semear e colher. Mas para gente como a gente, a terra só tem valor se tem trabalho. Sem ele a terra é nada. (VIEIRA JUNIOR, 2019. p. 138-139)

Fica claro nessa passagem que para os moradores de Água Negra, que a função da terra é gerar alimento e não apenas ficar “parada” sem trabalho, enquanto que para os senhores da fazenda a função dela é justamente gerar especulação imobiliária. É por meio de pensamentos como o de Zeca, que movimentos como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MTST) é legitimado, uma vez que o direito a terra e moradia é um dos direitos mais básicos da Constituição Federal de 1988:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (BRASIL, 1988)

Bem como:



Art. 184. Compete à União desapropriar por interesse social, para fins de reforma agrária, o imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social, mediante prévia e justa indenização em títulos da dívida agrária, com cláusula de preservação do valor real, resgatáveis no prazo de até vinte anos, a partir do segundo ano de sua emissão, e cuja utilização será definida em lei. (BRASIL, 1988)

Como a obra ajuda a entender a realidade da população agrária nordestina

Ambientado no meio rural brasileiro nordestino, em que o clima é o principal meio para determinar a produção, a obra apresenta características sobre essa vida, desde o modo de viver, as construções, o dia a dia, o trabalho nas terras da Fazenda, para dar lucro ao donos, no quintal produtivo que é fornecido perto da casa de taipa em que moram e é de onde tiram algo que podem considerar como deles, as dinâmicas e mazelas da vida no campo, abordando a seca, o trabalho, a humilhação, entre outros fatores.

Inicialmente, temos nos personagens uma herança histórica que é o período de escravidão, no qual, pessoas foram trazidas escravizadas para o Brasil, vindas da África, entre mulheres, homens, crianças e idosos, colocados como mercadoria, trabalhando nas grandes casas de pessoas que colonizaram o território, esse trabalho escravo era na produção de cana de açúcar, animais, trabalho doméstico, eles podiam ser vendidos, doados, emprestados, alugados (DIAS, 2019), e eram proibidos de praticar sua religião ou qualquer outra manifestação cultural da África (ibidem, 2019). Após muitas movimentações e lutas, os quilombos como maior exemplo, fizeram negociações externas e o Brasil assina a Lei Áurea, com objetivo de extinguir a escravidão, em 1888. No entanto, essa libertação teve percalços e tais pessoas ficaram sem emprego, moradia e direitos básicos. Assim, alguns continuaram a viver nas fazendas ou migraram de fazenda em fazenda para poder sobreviver, trabalhando na agricultura, como seus ascendentes e descendentes.

A agricultura Brasil representa a principal fonte de renda de diversas famílias e de forma geral do próprio país, sendo formada pelas mãos de trabalhadores rurais, como os personagens do romance “Torto Arado”, no qual se lê e se faz compreender a realidade da agricultura familiar no nordeste, embora ainda caracterizado por diversos períodos de seca e os direitos conquistados por estes. É então que “Torto Arado” entre suas narrativas, possibilita o seu uso na educação, para ajudar os alunos a compreender as dinâmicas da vida rural e agrária.

A relação com a terra e ideia de pertencimento estão presentes em toda a obra, o autor deixa claro a contradição entre o tempo de trabalho gasto na produção dos alimentos e demais atividades e a falta de um lar duradouro e resistente, como uma eterna lembrança de



que os personagens estavam no local só de “passagem” e tal lugar não os pertencia:

Mas vocês precisam pagar esse pedaço de chão onde plantam seu sustento, o prato que comem, porque saco vazio não fica em pé. Então, vocês trabalham nas minhas roças e, com o tempo que sobrar, cuidam do que é de vocês. Ah, mas não pode construir casa de tijolo, nem colocar telha de cerâmica. Vocês são trabalhadores, não podem ter casa igual a dono. Podem ir embora quando quiserem, mas pensem bem, está difícil morada em outro canto. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p.184).

Sobre a produção, esta não pertence aos trabalhadores, mas sim aos donos das terras. O alimento dos moradores vinha da produção nos quintais, porém até desse, eles precisavam entregar uma terça parte para os donos, as quais eram recolhidas pelo gerente da fazenda, Isso se descreve no seguinte trecho:

Sutério pegou a maior parte da batata-doce com as duas mãos grandes que tinha e levou para a Rural que havia deixado em nossa porta. Pilhou também duas garrafas de dendê que guardávamos para fazer os peixes miúdos que pescávamos no rio. O gerente lembrou da terça parte que tinha que ser dado do quintal. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p.75)

Ademais, cabe dizer que a fome e a seca se misturam na narrativa e na vida cotidiana, pois em períodos de estiagem há a escassez de água e de alimentos para o povo e para os animais que são cuidados por estes, o que acarreta na necessidade de comer os animais que encontravam mortos, a farinha e até mesmo viam como saída a divisão da comida com o gado, sendo que por vezes as crianças pereciam ou adoeciam devido à fome ou a má alimentação. “Torto Arado” exemplifica essa realidade, ao mesmo tempo que relaciona com uma das piores secas do Nordeste, a de 1932, marcada e retratada na história da Bahia:

Zeca Chapéu Grande, sai da Fazenda Caxangá na Grande Seca de 1932, que é a única data que tem no livro, que fala de uma grande seca que houve no Nordeste que durou cinco anos, ela foi até 1937 e foi um evento marcante. Então, todo lugar que você chega do Sertão, seja do Ceará à Bahia, as pessoas vão lembrar da Seca de 32. (VIEIRA JUNIOR *apud* NORO, 2021).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante o percurso do componente curricular de Geografia Agrária, percebeu-se que o uso do livro trouxe uma riqueza pedagógica e metodológica para o ensino e aprendizagem, pois acrescentou à discussão a realidade da construção do povo brasileiro, enquanto país miscigenado e que ao longo dos séculos se formou através da consolidação de uma sociedade racista, desigual e classista, o qual permitiu que a educação fosse também construída sob esse olhar e ao mesmo tempo fosse fator de fortalecimento do racismo estrutural, uma vez que a falta de ensino sobre essas realidades ocasiona desconhecimento



quanto a real história e seus construtores, fazendo com que o preconceito e discriminação quanto a raça, etnia e lugar de origem sejam frequentes e tornem a sociedade inóspita a determinada parcela da sociedade.

Como resultado ao uso de “Torto Arado”, os estudantes mantiveram-se mais focados nos conteúdos vistos, houve mais interação com a turma, o que ocasionou a efetivação de mais debates e comentários acerca do livro e dos temas a ele relacionados. Além ter sido possível a expansão das metodologias ativas e do uso de outros instrumentos que dinamizaram as aulas e fizeram com que os alunos ficassem mais motivados a aprender, a realizar discussões críticas dos assuntos, bem como a produzir artigos sobre educação, e a expandir a ideia de utilização das ferramentas de metodologia ativa em sala de aula, uma vez que o romance foi utilizado em um curso de educação superior.

Com a análise de artigos e das produções dos estudantes, percebeu-se como fundamental buscar maneiras de “trazer para perto” esses estudantes e fazer com que esses percebam sentido naquilo que visualizam em sala de aula, para que assim possam ter uma aprendizagem significativa. PONT E SASSO (2020), perceberam em pesquisa sobre a história e evolução de alguns bairros dos alunos que estes se interessaram mais pelo aprendizado e que tiveram avanço significativo de conhecimento através da Aprendizagem Baseada em Problemas quando comparado às aulas expositivas tradicionais e ainda segundo os próprios estudantes, eles compreenderam melhor o conteúdo através da ferramenta utilizada, sentindo-se motivados a ir até o final. Do mesmo modo, os estudantes de licenciatura formaram grupos de até três pessoas para a realização de artigos sobre o tema proposto pelo professor, o que resultou em várias produções em que há questionamentos sociais e é possível perceber o desenvolvimento de senso crítico destes, como nestas passagens:

[...] “a estrutura fundiária do nosso país é uma das mais desiguais do mundo” (PINHEIRO *apud* M e L, 2022). A partir daí, podemos observar um dos grandes problemas do campo, pois, essa concentração de terras nas mãos de poucos acarreta problemas sociais, em virtude da maioria dos indivíduos possuírem pequenas áreas, como os minifúndios e pequenos proprietários, além de pessoas que não dispõem de nenhum pedaço de chão para o plantio da própria sobrevivência. Em um dos momentos debatidos em sala de aula, foi mencionado o Senso Agropecuário de 1996, que exibiu claramente como a distribuição de terras é concentrada e desigual. Mostrou que em uma área de 7.882.194 ha, é ocupada por 2.402.374 imóveis de minifúndios, mas, por outro lado, em uma área 159.493.949 ha, há apenas 49.358 de imóveis, pertencentes aos grandes latifúndios. Ou seja, vemos a disparidade da má distribuição de áreas rurais.[...]” (M, L- Alunas do 3º período da graduação em Licenciatura em Geografia)

Além de:



[...] A abolição da escravidão no Brasil ocorreu em 13 de maio de 1888 aprovada com a Lei Áurea. Mas a Lei não tinha nenhuma medida que ajudasse os ex-escravos a se reintegrarem na sociedade, a falta de ajuda do governo, nenhuma reparação, nem mesmo preocupação sobre do que ia viver, morar e trabalhar. Perante essa situação sem ajuda e oportunidades melhores fez com que muitos continuassem no estado precário do trabalho escravista sem poder ter seus direitos, sem garantia de um pagamento ou salário, continuaram a dependência dos senhores os donos das terras, das fazendas, para poder sobreviver, sem ter onde morar e o que comer. [...] na obra de Vieira Junior (2019) é retratado da mesma maneira na vida dos personagens [...]” (V, C, A- Alunas do 3º período da Graduação em Licenciatura em Geografia)

Aliado a obra, as novas metodologias educacionais ressaltam a necessidade de trazer o conteúdo estudado para a realidade do aluno, como cita o autor Itamar Vieira Junior, que em entrevista afirma: “porque é uma educação que tem como base os princípios freirianos, cuja aprendizagem é realizada a partir do contexto do próprio indivíduo. (VIEIRA JUNIOR *apud* NORO, 2020)” Sendo assim, fica implícito que a intenção do autor foi justamente fazer essa intertextualidade entre o real e o literário.

Dessa forma, tem-se como resultado que o professor ao passo que deve buscar formas diversas de explanar o conteúdo programático, deve também ser um sujeito ativo e fazer os estudantes participantes na construção dos seus saberes, através de questões problematizadoras que mantenham-os focados e interessados na aula. Um bom método para fazer com que os alunos mantenham-se motivados a aprender e tornem-se sujeitos inteiramente participativos, é trazer situações do dia a dia dos próprios discentes de forma a fazer com que eles se percebam como seres influentes no “seu” mundo. Isso, porém só será possível com mudanças basilares nos currículos escolares e com o aumento da carga horária das ciências ditas humanas, principalmente quando se fala em Geografia, o que possivelmente acarretará em mudanças estruturais da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, conclui-se este texto com a possibilidade e a importância de experiências como essa serem pensadas para o ensino de geografia no ensino médio, ressaltando obras que são exploradas das mazelas do povo rural. Ao abordar temas presentes tanto no século XX como nos dias atuais, no sertão nordestino e a situação de descendentes de ex-escravizados, como: a religiosidade, a realidade agrária, a desigualdade, os sindicalismos e luta dos marginalizados pelos direitos de serem inseridos na sociedade, como pessoas que cuidam da terra e por meio de suas mãos fazem-a ter grande valor produtivo, o que salienta o romance como um positivo contribuinte para a educação, pois



traz temas ligados à constituição do Brasil, além de trazer dinamização para sala de aula, nas aulas de geografia do ensino médio.

O livro pode tornar mais interessante o pouco tempo de aulas de Geografia que o Novo Ensino Médio propõe, criando contextualização entre o que os alunos do sertão nordestino vivem com o pensamento crítico sobre sua realidade, pois, assim como os resultados obtidos no ensino superior, os estudantes podem se identificar com as histórias e com os personagens, aproximando-os da ciência geográfica e os levando a compreender de uma maneira menos rígida as questões trabalhadas dentro do livro, uma vez que o que se observa é que o perfil dos alunos recém adentrados no ensino superior e o do nível médio são similares. Além disso, o livro passa saberes e sentimentos específicos das minorias nordestinas, quiçá brasileiras, pois trata-se de um registro fictício que teve por base muitas informações do real, sobretudo do próprio autor “Eu já ouvi inúmeros discursos políticos deles, inclusive, em reunião, falando da terra com uma reverência, com uma força e pra mim a terra passou a ocupar esse lugar. (VIEIRA JUNIOR *apud* NORO, 2022).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 09 de nov. de 2022
- DIAS, F. **Exploração da mão de obra de africanos escravizados no Brasil**. Educa Mais Brasil, 2019. Disponível em: <<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/escravidao-no-brasil>>. Acesso em: 09 de nov. de 2022
- Junior, I. V. **Literafro - O portal da literatura Afro-Brasileira**, 2022. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/1270-itamar-vieira-junior>>. Acesso em 08 de nov. de 2022.
- Junior, I.V. **Torto Arado**. 1ª ed. Lisboa: LeYa, 2018; São Paulo: Todavia, 2019.
- NORO, N. S.; GONÇALVES, M. A. G. Uma história de amor pela terra: o fenômeno literário de Torto Arado – entrevista com Itamar Vieira Junior. **Via Atlântica**, [S. l.], v. 1, n. 41, p. 530-559, 2022. DOI: 10.11606/va.i41.188769. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/188769>>. Acesso em: 10 nov. 2022.
- PEREIRA, M. F; FARIA, G. **Escola em Torto Arado: um retrato literário da importância do aprender libertador de Paulo Freire**. Rev. Ed. Popular, Uberlândia, Edição Especial, p. 247-258, set. de 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/lohaa/Downloads/nascimentosilva,+art_14.pdf>. Acesso em: 09 de nov. de 2022.
- PONT, J; SASSO, F. D. **O USO DE METODOLOGIA ATIVA NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM NAS AULAS DE GEOGRAFIA**. Ed. v. 9 n. 3 (2020): Criar Educação. Criciúma, SC. Disponível em: <<https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/criaredu/article/view/5140/5529>>. Acesso em: 09 de nov. de 2022.